

Lista de Diálogos – Episódio 01 – Colecionador

01:25 à 01:38 – “Eu tinha sete anos quando já tinha uma coleção de plantas. Eu me lembro em uma ocasião uma tia me deu uma ‘*Alocácia Cúpria*’. A emoção foi tão grande que não consegui dormir.”

01:51 à 02:01 – “O Roberto não se satisfazia com a oferta que existia naquela época de plantas ornamentais. Foi daí que ele começou a procurar esta área aqui pra poder ter um laboratório.”

02:06 à 02:26 – “Ele dizia que se eu tivesse sabido que a coleção chegasse a esse tamanho, talvez eu não teria me animado a fazer. Como a coisa foi sem nenhum planejamento essa coleção atingiu esse porte que é um porte assim talvez uma das maiores coleções de plantas vivas do planeta.”

02:38 à 02:53 – “Quando eu de manhã acordo e percorro o sítio, há sempre a revelação de uma flor que desabrocha de uma planta que se mostra em toda sua beleza através da cor, das folhas.”

03:00 à 03:11 - “Eu acho que tirando algum gasto pessoal, o que ele ganhou na vida está enterrado aqui sob a forma de planta, de infraestrutura de arranjos, essas coisas todas.”

03:17 à 03:24 - “E com essa característica importante que é, que tem muita planta aqui que foi coletada em seu próprio ambiente.”

03:30 à 03:44 - “É nesse lugar que eu tenho feito todas as minhas importantes experiências, quanto adaptação de plantas que eu tenho trazido das excursões que eu tenho feito por todo o Brasil.”

03:53 à 04:12 – “Então foram feitas viagens de coletas no Cerrado, na Mata Atlântica, na Amazônia, no Pantanal, na Caatinga em Minas Gerais. Tem aqui, poderia se dizer, um resumo da flora nacional, da flora brasileira.”

04:16 à 04:28 – “Começou com a necessidade de ter plantas que não eram cultivadas em outros lugares. Em minha viagem à Europa, em 1928, foi em Berlim, no Jardim Botânico que eu comecei a descobrir a flora brasileira.”

05:21 à 06:08 - “Ele realmente descobriu a natureza brasileira nas estufas de Berlim, no Jardim de Dahlen. Foi a primeira viagem que ele fez, depois ele fez várias viagens, na Amazônia, no Brasil mesmo. Acho que esse distanciamento da realidade brasileira é o primeiro ponto, ponto de partida dele para desenvolver um olhar novo sobre o jardim e a natureza. Então acho que o jardim tem sempre a ver com viagens. Isso começou com o Jardim Botânico que são jardins de viajantes.”

06:18 à 07:15 – “Essa mata é fabulosa. Primeira coisa que se vê em uma mata, que você fala ‘ó essa mata foi mexida’, é a ausência do palmito, aqui tem palmito de todos os tamanhos, então a gente deduz que ela não foi mexida já há algum tempo, então a quantidade de *Epifitas*, *Epifitas* é a planta que usa a outra só como suporte. As *Bromélias*, os *Filodendros* que estão em cima das árvores. É uma quantidade muito grande. Isso daqui que a gente pensa que é um

cipó, na realidade é a raiz de um *Filodendro* que está lá em cima de uma árvore. Então ela solta a raiz para tentar atingir o solo aqui. Dá pra ver a quantidade muito grande na mata, se você olhar ao redor uma quantidade enorme dessas raízes, então imagina a quantidade de *Filodendro* nas árvores.”

07:30 à 07:56 “Isso daqui já é uma planta, que a gente chama de planta domesticada que está sendo usada muito em jardins. Essa aqui também é uma *Althernanthera* que se usa bastante, não esta especificamente, mas outras parecidas porque costuma ter uma folhagem avermelhada. O Roberto usava muito dessa planta.”

08:02 à 08:19 - “A coisa maravilhosa de você fazer um estudo na mata é porque você vem, olha uma coisa diferente como essa na mata e fala ‘Opa, o que será?’ ai você fala ‘Poxa, como é que eu posso compartilhar com as pessoas uma natureza tão linda como essa.’”

08:43 à 08:58 - “As excursões aconteciam ou porque o Roberto ia fazer uma exposição, ou porque ele tinha acabado de vender um quadro ou dois quadros, e falava ‘Oba, dá pra gente viajar’. Cada um pagava a sua e ele tinha toda uma despesa com a qual ele arcava.”

09:08 à 09:31 - “Nós passávamos às vezes uma semana, quinze dias na estrada. Passávamos nas capitais mas o nosso objetivo era o interior. Era lá que nós íamos coletar as plantas. Nós íamos observar o habitat de cada planta. Aquilo ali era um mundo novo, o mundo que girava em torno de Burle Marx.”

09:32 à 09:56 - “Existia um núcleo, um núcleo de trabalho. Os empregados que coletavam, os motoristas do caminhão. Existia sempre possível um botânico. O Roberto em várias palestras que ele faz, ele menciona o fato de que ele não era botânico e muita gente fala ‘Ah, o Burle Marx era um botânico fantástico’. Ele não era botânico. Ele conhecia vegetação aplicada a paisagismo.”

10:01 à 10:24 - “O Roberto era incansável. Quando ele estava no mato ele meio que se transfigurava. Primeiro que predominava o bom humor e isso não era normal lá na cidade. E ele tinha uma resistência impressionante. Eu lembro de algumas viagens que eu cansei, não é que eu seja o máximo da resistência, eu não sou, mas ele ia mais do que eu e era bem mais velho.”

10:26 à 10:50 - “Nós encontramos uma planta que ainda era desconhecida aqui, que não recordo o nome, era da família do *Filodendro*, *Filodendro Marciano*. Era um *Filodendro* que dava folha, mas tinha um corpo... Na época aquilo era raro, nós encontramos depois de Paraty.”

11:07 à 11:22 - “O Roberto depois de algum tempo, ele começou a ter um problema no joelho. No fim das excursões ele já não saía de perto do carro. Então ele ficava no carro mas ficava gritando: ‘Vocês encontraram alguma planta?’

11:23 à 11:59 - “Era quase uma disputa entre a gente de quem achava uma planta nova pra mostrar pra ele, pra ver se ele tinha ou não. E a conversa era sempre essa: ‘Roberto’ e ele

gritava lá de baixo: 'O que?'. 'Achei um *Filodendro* novo'. Daí vinha a resposta: 'Eu tenho?' A gente gritava: 'Não'... e ele: 'Então eu quero'... 'Quantos que eu pego Roberto?' 'Uma boa quantidade'. Mas não expressava eu quero cinco, eu quero três."

12:04 à 12:24 - "Hoje em dia eu posso dizer que essa coleção de *Aráceas* é uma das maiores coleções do mundo, só para dizer que eu tenho mais de quinhentas espécies de *Filodendro*. Mais de duzentos e cinquenta espécies de *Anthurios*, sem contar as *Mosthereas*, as *Diphebacheas* e etc..."

12:30 à 12:48 - "Às vezes ele perguntava assim: 'Luiz, quantas espécies eu tenho?' 'Roberto, acho que umas duzentas.' 'E você, quantas têm?' 'Tenho umas trezentas'. Ele ficava chateado, aborrecido que ele tinha menos do que eu, ele não podia ter menos."

12:49 à 13:10 - "Bastava um botânico dizer: 'Tem um *Anthurio* de folha em tal lugar que ele já queria ir para o tal lugar. Na realidade não seria com o objetivo de coletar só aquele *Anthurio* especificamente, mas de coletar aquela planta e ver aquelas outras que estivessem nos locais por onde a gente passaria."

13:15 à 13:29 "Algumas excursões eu anotava as plantas que eu, que nós coletávamos e naquela época eram plantas todas, pra mim completamente estranhas, novas."

14:03 à 14:23 - "E era uma felicidade muito grande para toda a equipe quando nós encontrávamos uma planta rara ou uma planta que às vezes nem nome tinha, que nem era conhecida. Ao chegar aqui era colocado o nome. Muitas delas, pode ver que tem no arquivo aí, vários nomes de plantas que levam o nome da planta e o sobrenome da pessoa que encontrou."

14:45 à 15:00 - "Eu fiz um levantamento das plantas que levavam o nome de Roberto ou que tinham sido descobertas em viagens organizadas por ele. Eu cheguei ao número de cinquenta e duas espécies."

15:17 à 15:56 - "Nossa ela tem até flores ainda. Alguns frutinhas, nossa que linda, maravilhosa. *Merianthera burle-marxii*. É porque ele descobriu a planta. Era uma planta desconhecida pra ciência e essa aqui, eu lembro, chamou muito a atenção da gente por essa conformação tão inusitada, ela sempre vem assim, o caule liso, aí engrossa e solta as quatro pétalas assim."

16:00 à 16:06 - "A última vez que eu tinha visto na natureza faz trinta e dois anos."

16:12 à 17:13 - "As viagens que o Roberto fazia de coleta, viagens geralmente curtas, Bahia, Goiás, mas geralmente eram mais Minas e o próprio estado do Rio de Janeiro. Roberto não gostava muito ou não tinha feito ainda excursões de longo percurso como foi essa do Pantanal e Amazônia. Pouco antes dessa viagem, eu vi um caminhão com placa de Manaus e fui lá conversar com o motorista e perguntei: 'As estradas na Amazônia são fáceis?'. Ele falou assim: 'Não tendo pressa, são'. Eu perguntei pra ele: 'O que é não ter pressa pra você?'. Ele falou 'Não ter pressa por exemplo é você andar quinze quilômetros em três dias'. Aí foi a filosofia nossa da viagem. Tinha um dia marcado pra começar a volta. Enquanto não chegava esse dia, a gente ia andando pra frente."

17:22 à 17:51 - “Uma viagem de onze mil quilômetros onde a gente coletou muita coisa. De Cuiabá pra frente já não tinha asfalto, não tinha nada, só lama. Foi um excursão realmente de malucos. Eles compraram um kit de rede do exército, aquelas com tela em volta. Então você fechava com zíper e ficava protegido. A gente dormia em posto de gasolina também.”

17:53 à 18:34 - “1º de Setembro. De manhã comprou-se os pneus para o trailer, arrumou-se as bagagens e saímos as 10h45 em direção a Jataí. O Toyota puxava o trailer, a Kombi de Roberto puxava a carreta. No meio da estrada uma das Kombis enguiçou. Prosseguimos parando e coletando. Hoje a noite ventou muito, tudo era escuro. Não se podia perceber a contorno da terra. A embarcação está sem bússola e para completar, o motor pifou.”

18:40 à 19:23 - “Conviver com quatorze pessoas durante dois meses, então tinha aqueles conflitos normais da dificuldade, dos imprevistos, dos carros quebrarem e ter que pernoitar. Do caminhão atolar no meio da Amazônia. Nós ficamos dois dias em um comboio de caminhões na estrada. Só tinha água para beber e escovar os dentes. Tinha todo esse lado assim de dificuldade, mas o lado fantástico era você poder convier com botânicos. O aprendizado *in loco*.”

19:28 à 20:04 - “O que eu tinha que fazer era anotar tudo que era coletado e fazer a relação entre planta viva e a *exsicata* que o botânico separava. Então eu tinha que fazer esse pequenos desenhos rapidamente pra que eu pudesse depois identificar aquele número. Então pra eu saber que o número 146 era um *Filodendro* alongado de folha comprida. O 157 já era uma folha partida.”

20:06 à 21:19 - “Uma família que era muito boa para transportar era a família das *Aráceas*. Porque elas têm uma folha grande e mole. E tem o seu tronco, caule, como queira o nome, rígido. Com isso a gente tira a folha e ela suporta durante muito tempo o transporte. Às vezes você pega uma planta, corta aquela rama toda em quatro ou cinco pedaços e levando pedaços pequenos e com pouco de musgo, já se garante a sobrevivência das plantas. Essa *Alocácea* aqui, por exemplo, ela tem uma batata, que está até solta. Então o que a gente faz? Corta fora a folha e leva só a batata. A batata é cheia de raiz, então com isso daqui, com uma coisinha pequena, você já está levando uma planta que é totalmente diferente. Um negócio legal. Aí é só deixar no chão, enterrar um pouquinho.”

21:18 à 21:43 - “A experiência que a gente foi acumulando ao longo do tempo, já dizia se era uma planta fácil ou difícil de coletar, se precisava de algum tipo de acomodação especial ou não, e a gente trazia pra cá. Essa planta passava por uma limpeza, um período assim, não seria uma quarentena, mas um período mais de cuidado antes de ser plantada ao definitivo.”

22:20 à 22:45 - “A minha ideia era de que se pudesse transformar isso em uma fundação. Fundação é sempre o meio de querer se perpetuar todo esforço que se fez durante uma vida. De maneira de que a gente não se pode pensar apenas no resultado egoísta de eu ter isto, para que seja depois dizimado depois da minha vida.”

22:55 à 23:13 - “Se ele não tivesse doado, isso aqui já teria deixado de existir. É muito sensível sabe. Um mês sem cuidar dessas plantas e depois a regeneração, a recuperação dessa situação tão tensa que existe de competição, seria muito difícil de fazer.”

23:24 à 23:44 - “Hoje eu trabalho com paisagismo e todo mundo quer uma coisa imediata. Já quer ver o jardim pronto, instantâneo. Plantas grandes. As pessoas dizem: ‘ah eu não vou ter tempo de ver essa planta crescer’. W ele não tinha essa, ele sabia que aquilo ia ficar.”

24:05 à 24:28 - “É uma coisa que dá uma satisfação muito grande quando eu penso que eu plantei essas palmeiras. Naturalmente, demonstração essa que eu fiquei velho. Mas o plantar é o que dá a medida da vida. O prazer de ter plantado e ter visto crescer é uma coisa que me dá uma grande emoção.”

Lista de Diálogos – Episódio 02 – Paisagista

01:52 à 02:13 – “Um jardim só é bonito quando as árvores crescem e é um tempo que se incumbi, muitas vezes, para se completar o pensamento, por exemplo, o pensamento eu digo plástico ou jardinístico. É bonito quando a gente vê uma árvore velha. Nem sempre ver velhos dá prazer, mas árvore me dá um prazer enorme.”

02:28 à 02:47 – “Arquitetura eu comecei a estudar pro vestibular e tal, e sabia. O que eu não imaginava, e que talvez nem soubesse que existia, era paisagismo. Aí um dia voltando da escola a gente passou pelo aterro, estava com o Haruyoshi Ono, que era meu colega de turma, e nós vimos uma placa do escritório Burle Marx Companhia Ltda.”

02:48 à 02:54 – “Eles estavam fazendo a execução do Parque do Flamengo. Vimos o endereço, telefone e aí bem, vamos procurar aí.”

02:55 à 03:55 – “Resolvemos ir até lá e pedir para fazer um estágio. Aí a gente começou a tomar maior consciência do que vinha a ser essa questão da arquitetura paisagística que é uma designação assim, discutível, mas que me agrada. Em princípio pela aquela ideia de a gente lidar com divisão de espaço, ocupação, esse tipo de coisa que são problemas claramente arquitetônicos, mas com material de construção diferente que são as plantas, é um material dinâmico, né. É uma arquitetura que cresce, que morre, que é substituída, que é invadida por outras, que são subespontâneas, então tem esse lado imponderável, um lado que a gente não pode prever, imprevisível né, de o quê que vai acontecer ao longo do tempo com o projeto de paisagismo que a gente faz.”

04:09 à 04:36 – “Eu comecei fazendo projetos naturalmente com jardins, a influência foi muito forte do Lúcio Costa que não só para mim é um grande arquiteto urbanístico e um grande amigo que eu tive, e tenho. Depois, fui convidado para trabalhar em Pernambuco onde fiz os primeiros projetos para praças públicas. A praça Euclídes da Cunha e Casa Forte.”

04:58 à 05:26 – “Voltei para o Rio a chamado dos arquitetos, vamos dizer que eram encabeçados pelo Lúcio Costa, e eu fiz o projeto baseado em Le Corbusier, o Ministério de Educação e Saúde. Pra mim, foi de grande importância porque foi o primeiro contato com aquele grande grupo de arquitetos que estavam também em busca de uma afirmação.”

06:43 à 07:07 - “Os jardins dele são muito orgânicos, né. Numa viagem que nós fizemos de avião, a gente foi para o Nordeste e aquele próprio recorte do mar, terra, praia, aquela coisa toda, ele me chamava a atenção e falava: ‘olha Luiz, isso dá um desenho maravilhoso pra gente poder rebater isso pra um jardim.’”

07:23 à 08:23 - “A casa, quando ela ocupa uma transversal de um lado ao outro do vale, ela também propicia essa mudança de tratamento na geometria dos dois jardins. São jardins de clareira, você repare como é o uso da vegetação na composição do jardim. Uma vez que o Burle Marx considera que essa floresta em torno já faz parte do paisagismo, ele está criando perspectivas de pontos de vista para que essa mata que circula o jardim possa ser observada nos seus mais diversos perfis. Seria impensável neste gramado aqui a gente colocar um volume de uma árvore ou mesmo um arbusto de um metro e meio, dois metros, porque ele constituiria um primeiro plano muito importante a ponto de minimizar a presença da montanha lá no fundo.”

08:31 à 08:38 “Os jardins do Burle Marx sempre têm esse duplo ponto de vista, como a gente vê bem aqui, essas curvas aqui produzem essa passagem dessas linhas modernas da casa até o rio e depois vira mata. E ele dialoga muito refinadamente com as texturas da arquitetura, com as questões reflexivas com a textura da pedra, do piso, do alumínio, do aço, da madeira. É uma ordem formal abstrata que ele impõe à essa natureza. Nesse jardim particular tem uma referência direta ao jogo, ao quadriculado, do xadrez, da dama, uma citação digamos à esse elemento lúdico mas que é constitutivo já do próprio traçado do jardim e da experiência que você tem do jardim.”

10:18 à 10:50 - “O Roberto tinha essa cultura da história da paisagem, não só dos jardins, mas da paisagem, das alterações que o homem provocou nas paisagens ao longo do tempo. Ele aproveita esses exemplos e reinterpreta nos lugares de acordo com umas sugestões iniciais do próprio terreno, como é o caso aqui de um terreno em encosta, numa colina, e é uma coisa bem característica das vilas italianas renascentistas.”

11:01 à 11:59 - “Repare que as palmeiras de porte aqui no jardim elas estão periféricas, você vê a paisagem através das palmeiras. Ao mesmo tempo em que elas marcam um limite da paisagem construída no jardim, elas te deixam uma transparência pra você poder ver a linha de montanhas que se perdem no horizonte. Os trabalhos acadêmicos que analisam a obra, às vezes partem de um princípio que não é muito verdadeiro de que essas plantas são estudadas quase que cientificamente. Você tem um *pandanus* ali. Ali só poderia ser *pandanus*, mas isso não é muito verdade. O problema é você ter um controle do volume das cores, das texturas que você está estabelecendo para usar em seu jardim.”

13:13 à 13:45 – “Quando uma pessoa chega numa composição vegetal num jardim de Burle Marx e se maravilha com plantas usadas tão assim, relacionadas umas com as outras, ela não imagina todo o período de pesquisa e de aprendizado que teve. Às vezes estava se desenhando e o Roberto dizia assim ‘Nos podíamos fazer alguma coisa como é lá em Pedra Azul, tem um morro assim e assim, com planta pra lá e outra pra cá, e no meio deixava uma bem em destaque na vertical e tal’. E assim ele fazia a composição.”

13:55 à 14:14 - “Temos feito uma série de excursões e essas excursões têm sido importantes porque existe uma compreensão da planta in loco. Nós queremos muitas das vezes observar como elas crescem para depois aplicá-las de uma maneira precisa e clara nos projetos.”

14:41 à 15:11 - “O contato dele com Melo Barreto foi um contato muito importante porque, se antes ele tinha a preocupação com usar a flora brasileira, que é quase uma qualificação

política da flora, depois do Melo Barreto ele passou a usar flora regional autóctone, que é bem diferente, é a flora coerente, paisagística e ecologicamente, com o local que ele tava fazendo o projeto dele.”

15:16 à 15:44 - “Esse convívio com o botânico Melo Barreto me deu uma compreensão muito grande de como eu poderia aplicar as plantas em jardins. Ele mesmo me dizia: ‘Eu compreendo perfeitamente o seu ponto de vista. Você quer fazer uma obra de arte de um jardim.’ Mas você compreender as associações que ocorrem na natureza, você vai compreender os problemas ecológicos de uma maneira muito mais profunda.”

16:08 à 16:42 - “Às vezes ele pedia seu caderno porque ele via uma palmeira e fazia um croquinho que ele precisava ter algumas referências, para poder depois, às vezes, até em desenhos que ele fazia de projetos, ele ter aquilo como referência. Verificar a característica da planta e usar isso daí como uma ferramenta de manifestação artística, isso daí é direto aprendizado dele.”

16:48 à 17:13 - “No início, eu tinha muita dificuldade de resolver determinados problemas, por exemplo, pegar um papel e começar a desenhar. ‘E o que eu vou fazer? Me dá um projeto, tem esse terreno aqui’. Mas ao poucos eu vi que essa dificuldade não era só minha. Ele tinha essa dificuldade também. Mas sempre acabava resolvendo a coisa. Então essa tranquilidade eu acho que foi uma grande lição para mim.”

17:23 à 17:41 - “Eu tenho, hoje em dia, a sorte de ter não só colaboradores como amigos que têm contribuído muitíssimo para que nós pudéssemos desenvolver essa arte, que é para mim muito importante, a arte de fazer jardins ou paisagismos ou arquitetura paisagística.”

18:35 à 18:43 - “Ela se confunde com a própria paisagem. O tronco fica parecendo uma rocha, parece um camaleão disfarçado.”

18:44 à 19:12 - “Ela parece um camaleão nesse aspecto, parece um bonsai no sentido que ela está com o crescimento atrofiado, falta de nutrientes, não consegue sobreviver dessa forma. Essa questão das folhas também é uma coisa paisagisticamente interessante, que dá uma tonalidade especial à planta, essa folha acobreada assim com esse brilho fantástico. Combina com o céu azul no fundo.”

19:16 à 19:30 - “Essas viagens de descoberta, ele descobre plantas, elementos científicos mas, ao mesmo tempo, ele descobre uma beleza. A natureza mesmo produz um certo tipo de beleza.”

19:36 à 20:08 - “Deixa eu ver como está. Esta daqui é a mesma planta que nós vimos anteriormente em cima da pedra, é uma *malvácea*, um tipo de *paineira*. A raiz dela se confunde com o tronco, se funde com a pedra e os espinhos são enormes, às vezes formam umas carreiras como essas assim. É uma planta tremendamente escultórica.”

20:17 à 20:47 - “Euclides da Cunha fala muito da agressividade das plantas. Se você leva as plantas da caatinga, você leva a agressividade da planta também. Estabelece uma relação especial, particular com o visitante que caminha na natureza ou no jardim. Tudo isso está muito consciente, muito trabalhado na obra do Roberto.”

20:58 à 21:15 - “O jardim é deslocamento, em termos de forma, em termos de botânica, em termos de experiência física para o visitante. Realmente há a possibilidade de surpreender o deslocamento e uma surpresa permanente.”

21:56 à 22:52 – “Você encontra em certos jardins um ambiente distinto nos distintos lugares, de repente você tem um lugar úmido com umas sombras, um silêncio e etc. E outros lugares cheios de sons e cores, com amarelo, etc, que abre o olhar para a paisagem. Então esses contrastes são contrastes sentidos pelo corpo. É realmente uma tentativa de criar uma obra total que fale não só o instrumento que domina em nosso mundo, o olhar, mas o corpo como um conjunto de sensações.”

23:06 à 23:37 - “Eu, como paisagista, me interesso muito pelas transições, sabe, as transições são fundamentais na hora que você propõe uma composição qualquer. Você pode pensar numa transição abrupta, que acaba uma determinada mancha de cor e continua gramado. Isso é uma coisa abrupta. Ou mais diluída na natureza. Esse jogo vai funcionar para enriquecer a forma das pessoas verem o jardim, como acontece em música. As transições de músicas são a mesma coisa.”

24:01 à 24:44 - “É como se ele transformasse todo aquele ideal, moral, da forma ética, da forma moderna, em experiência cotidiana, entendeu? Caminhar, andar, virar pra lá, virar pra cá, entendeu? Então assim, como se ele transportasse toda aquele ideal para experiências do dia a dia, uma experiência básica de movimento no espaço e no tempo. Não é pra você ter experiências solenes, feito os jardins clássicos pressupõe mas, ao contrário, ter essas experiências do prazer, do jogo da sensibilidade, é o cheiro, é o barulho da água. Tudo isso que compõe o jardim.”

Lista de Diálogos – Episódio 03 – Botânico

01:20 à 01:35 – “Eu adoro a experiência porque eu sou curioso. Continuo tendo uma curiosidade pela vida e é através dessa curiosidade que a gente consegue, muitas vezes, se expressar, sem o quê, eu creio que não há renovação.”

01:40 à 01:59 - “Eu era um estudante tentando começar um estágio lá no escritório. Mas eu fiquei ligadíssimo quando eu soube que o Burle Marx fazia viagens para o interior em busca de plantas. Isso era tudo que eu sonhava, embora eu nem soubesse que existia isso na época.”

02:10 à 02:26 - “Minha primeira viagem foi em 1978. No início da viagem eu olhava pra fora assim, na mata, e era tudo verde. Tudo igual pra mim, era assim como se fosse um borrão verde que eu não conseguia distinguir uma coisa da outra.

02:35 à 02:58 - “O Roberto falou ‘Você tem que conhecer plantas, conhecer um pouco de como são as plantas’. Mais tarde, nós conhecemos uma botânica que era amiga de Roberto, Graziela Barroso, e ela se dispôs a ensinar pra gente noções de botânica aplicada ao jardim e sistemática também para reconhecer as plantas.”

02:59 à 03:07 - “Olha, a folha dela é lustrosa. É diferente das outras, assim ela tem...”

03:08 à 03:10 - “?????”

03:10 à 03:11 – “Hã?”

03:12 à 03:13 – “?????...aqui na ponta.”

03:13 à 03:15 - “É então, é o contrário das outras.”

03:15 à 03:32 - “Como se a gente tivesse visitando alguém da família. A gente vinha visitar essa planta aqui, esse indivíduo, sei lá, pelo menos umas dez, doze vezes. Diferente de tudo que a gente pode ver de família de *Quaresmeira* aqui no Brasil.”

03:33 à 03:46 - “E ela tem essa coisa do lisinho, da *Merianthera*, né. Ela é, ela tem esse caulezinho liso e brilhante e ela está em cima da pedra.”

03:37 à 03:38 - “*Merianthera*.”

03:46 à 03:51 - “Tá, ela não precisa de terra, olha. Nunca vimos essa planta em cultivo.”

03:51 à 03:55 - “É, isso aqui não tem. É lindíssima.”

03:55 à 03:58 - “Elevamos uma estaca..??? e não conseguimos”

03:59 à 04:00 - “Será que é a semente que tem que levar só?”

04:00 à 04:08 - “Não sei. Mas é um monumento. Devia ser tombado. Isso aqui é como uma escultura, é uma planta muito...”

04:08 à 04:10 - “Olha, ela vai dar flor aqui.”

04:29 à 04:53 - “Eu tenho dois cadernos de 1970, 1977, se eu considerar outras mais curtas, até a última excursão que o Roberto fez que foi em 1983, se não me falha a memória. E o caderninho serviu pra que eu anotasse todas as excursões que eu ia.”

05:01 à 05:35 - “O Roberto nem sempre acompanhava a gente em caminhadas mais complicadas. Mas toda vez que eu via alguma coisa diferente eles falavam: ‘Ó, vai lá perguntar pro Roberto’. Os ensinamentos dele, o conhecimento que ele tinha era tão profundo e ele sabia passar de tal maneira que as outras pessoas compreendiam e conseguiam passar adiante coisas que eram importantíssimas, assim, de você chegar em um ambiente e não olhar pra uma planta especificamente, mas procurar entender o contexto em que ela está inserida.”

05:40 à 06:35 - “Como é que é a sucessão disso daqui. Solta uma lasca da pedra ali, ela vem e para em algum lugar, aí as folhas vão descendo com a chuva e vão se acumulando. À medida que ela acumula, começa a criar condições para crescer algum tipo de planta, então vêm esses musguinhos e vão formando, a coisa vai ficando cada vez mais complexa, porque o musgo nasce e morre com facilidade e ele dá essa estrutura que ajuda a reter mais. É só você olhar essa substância que tem aqui. Esse solo que tem aqui ao redor, você vê que tem muita folhinha nova que está enrolada no musgo, aí ele vai dando condições pras outras aqui começarem a se desenvolver. Então vai em uma colonização. É uma coisa crescente que você vai percebendo cada etapa do desenvolvimento dessa colônia.”

06:47 à 06:51 - “Zé, essa daqui não é aquela *Wunderlychia* essa aqui?”

06:52 à 06:56 - “Não, eu achei que essa daí era aquela lá de baixo que está rebrotando.”

06:57 à 06:58 - “Não, olha a folha dela.”

06:59 à 07:00 - “É, eu não sei...”

07:02 à 07:15 - “Eu acho que é aquela que a gente pegou em Pedra Azul, que tem aquela flor que parece um pincel, assim ó. É fantástica né, olha a flor dela, dá um...parece um abacaxi embaixo.”

07:17 à 07:24 - “Essa flor, a gente coletou aqui no Pancas e passou a ser planta de usar em jardim, até hoje se usa.”

07:26 à 07:47 - “Quando eu faço um projeto em determinada cidade eu me lembro que a gente praticamente viajou pelo Brasil inteiro. Me lembro da vegetação, do que era mais predominante e como ela se portava em relação uma com a outra, então isso a gente aplica sempre.”

07:52 à 08:19 - “Eu fiz um projeto de urbanização de favela onde tem muitos paredões de concreto que eles fazem o ‘jateamento’ pra contenção do terreno e lá foi a primeira vez em que eu usei esse recurso aqui. Usei bromélias, eu não consegui encontrar *dyckias* como essas, e fixando pra tentar recompor faixas de bromélias ocupando a encosta do paredão.”

08:30 à 08:58 - “As plantas que a gente coleta em comunidades que vivem sobre as pedras são plantas muito importantes pra paisagismo, na medida em que a gente pode usar essas mesmas espécies em jardins com pouca altura de terra, sobre lajes, onde não se pode comprometer muito a estrutura da construção, pode-se usar essas plantas. E a gente viu que tem de todos os portes, tem palmeiras com oito metros de altura que dão sobre uma camada de pedra de dois centímetros. “

09:41 à 10:14 - “Olha, nessa pedra a gente encontra uma planta que a gente usa muito em paisagismo que é *Caliandra*, da família das leguminosas. A flor dela parece um pompomzinho , um pincel de barba. Essa daqui é uma espécie diferente, não é comum usar essa daqui, é uma coisa específica desse lugar. A composição na pedra é uma coisa fantástica. Esse arbusto desenvolvendo em uma pequena fresta da pedra onde tem um acúmulo mínimo de matéria orgânica.”

10:20 à 11:59 - “É um jardim micro e um jardim com característica zen, na medida que ele é quase que uma miniaturização da paisagem. Essa pedra seria um morro e a água passando por ali, pelo meio. A sempre-viva seria uma árvore. É a dimensão fractal da natureza. As coisas se repetem em diferentes escalas que você olha. Quando a gente viajava com o Burle Marx, uma das coisas que a gente mais aprendia era a capacidade de observação. O Roberto tinha isso como uma coisa mais importante pra alguém ser um bom paisagista, um bom arquiteto. Capacidade de observação. Se alguém chegava no escritório para estagiar e não manifestasse curiosidade pelas coisas, aquela pessoa era descartada. Podia continuar no escritório pra trabalhar, mas o Roberto simplesmente ignorava a presença dela. Agora, uma pessoa mais curiosa, que perguntava, ele ficava mais interessado em responder e quando ele começava a comentar assim, às vezes o trabalho parava e todo mundo ia pra volta daquela prancheta, e o

que era trabalho se transforma em uma palestra, conferência ou uma aula. E uma coisa que ele sempre falou é que a natureza é uma oportunidade pra gente observar as coisas que tem nela e reinterpretar nos projetos de paisagismo.

13:02 à 13:33 - “As plantas de todas as viagens eram levadas para a coleção lá do Sítio do Roberto, em Guaratiba. Todas as plantas eram levadas pra lá e aclimatadas. Embora a gente, ao coletar, fizesse a seleção, a experiência mostrava quais que eram as mais dóceis a cultivar, ou quais as que eram mais fácil de multiplicação, esse tipo de característica ,que uma planta chegar a figurar no elenco de plantas que podem ser utilizadas em jardins.”

13:53 à 14:14 - “As plantas de comunidades ‘rupícolas’ eram uma atração muito forte para ele. Em qualquer excursão que a gente saía, e se aparecesse algum afloramento rochoso com vegetação ainda em estado bem conservado, fatalmente parava-se ali para olhar o quê que tinha.”

14:29 à 16:13 - “Aparentemente, para um olhar desatento, a gente já percebe a presença das rochas e uma massa verde, mas a partir do momento que você começa a caminhar e presta atenção nos detalhes ,aí você vai ver a infinidade de plantas maravilhosas que têm. Com flores inusitadas, a folhagem completamente diferente do que a gente está habituado a ver. Então os detalhes são, tão ricos, em cada metro quadrado de terreno você vê mais de dez, quinze plantas diferentes. É de uma riqueza impressionante. Essa daqui é uma *Clusia* e eu queria chamar atenção para um detalhe que é muito interessante que ajuda a reconhecer a planta. As folhas sempre saem opostas. Elas nascem uma contra... As duas saem sempre do mesmo ponto e elas são cruzadas. Então você vai vendo a disposição das folhas, duas assim, duas assim, duas assim, ela vai descendo sempre. Essas daqui visivelmente opostas cruzadas, está vendo. Mas aí, olha no detalhe, olha a folha como é diferente. Então cada uma tem a sua individualidade, apesar de ser muito semelhante com a outra. Essa daqui, nasce uma pra cá a outra do lado, a outra do lado. Elas não são opostas, elas vão subindo de uma forma espiralada. Quantas soluções para arquitetura, pra estudar esses formatos de folha, de disposição.”

16:34 à 16:53 - “Sempre ia material preparado. Dependendo da planta, tinha que botar musgo, botar em reservatório especial, pra poder aguentar o transporte, aguentar o período. Então sempre ia material adequado pra dependendo do que encontrasse, saber como embalar pra trazer.”

17:05 à 17:07 - “Aquele...como é que chama, *Filodendro*...”

17:08 à 17:09 - “*Adamantino*.”

17:10 à 17:15 - “Zé, *Filodendro Adamantino*.”

17:38 à 18:39 - “Olha só esse *Filodendro Adamantino*, a adaptação dele. O tronco dele está lá embaixo, vem uns três metros aqui pra frente pra ele colocar essas folhar aqui em cima. Tem um outro aqui ao lado, esse aqui, que ele até já perdeu o contato com o solo aqui atrás, mas as raízes dele da frente acabam trazendo o alimento. Então, as plantas que vivem em ambientes como esse, elas têm que desenvolver uma capacidade de adaptação muito rápida. Às vezes ela

quebra em um ponto, encosta em outro, já trata de se fixar e continuar a vida tranquilamente. Aqui nós estamos no meio de um jardim de cactos azuis.”

18:52 à 19:26 - “Com algumas *Velosias* ainda aparentemente mortas, mas elas voltam a ficar verde na próxima água e essa maravilha aqui que a gente não imaginava encontrar, é um Jatobá minúsculo. As folhas dele são muito pequenas, eu já vi, ela sempre dá essa folha composta, folha assim espelhada, igualzinha de um lado e de outro. Na Amazônia ou no Cerrado eu já peguei com essas folhas desse tamanho.”

19:27 à 19:49 - “Muitas das plantas que a gente vê nos jardins são únicas. Outros jardins...ele tinha um viveiro também que fornecia as plantas, então ele propagava aquelas plantas e falava assim: ‘Olha propaga, faça cinquenta, faça cem dessa, não sei o quem tem’. Daí ele usava aquelas plantas nos jardins e ia compondo.”

20:17 à 21:00 - “As coisas eram circunstâncias também, sabe, muita planta foi encontrada casualmente. Uma vez nós estávamos fazendo um passeio na Serra de Baturité, lá no Ceará, em uma cidadezinha que tem no pé da serra, chama-se Redenção, tinha um quintal com uma ‘*Alamanda*’ de cor diferente, tinha uma *Alamanda* de cor rosada, aí ele foi e fez uma coleta na casa, a gente bateu na porta e pediu uma muda pra dona, pra pessoa que atendeu a gente que era dona da casa e ela deu mudas de *Alamanda* e a gente levou. A gente não sabe qual é a origem, ela também não sabia, mas era uma planta que tinha potencial ornamental e foi usada pra isso.”

21:03 à 21:38 - “Tem uma linda aqui, olha só. Flor novinha. Olha que maravilha que tá essa daqui. *Lavosiera* com flor. E olha em cada extremidade vai sair uma flor, olha, é sempre na extremidade do galho que vem. Olha quantos botões que tem. Fica toda assim cor de rosa. Eu acho uma das plantas mais bonitas do campo rupestre, é muito diferente, a disposição das folhas é tão geométrica, tão organizada que impressiona mesmo.”

23:10 à 23:28 - “Isso é Orelha de Negro. Conhecida lá em Minas como Tamboril. Em São Francisco. Tem bastante de lá pra cá, é bem distribuída pelo Brasil. Uma das árvores a gente coletou por aqui em 1978, o Burle Marx usava demais em projetos de paisagismo pelo porte da árvore e por ela perder as folhas no inverno, ficando com a semente bem a mostra. A semente parece uma orelha mesmo. Com o tempo ela vai ficando escura.”

23:50 à 22:42 - “Eu hoje em dia digo assim, sem nenhum receio, que os arquitetos que trabalharam, os paisagistas que trabalharam no escritório do Burle Marx, eles tem uma preocupação maior de poder variar a especificação de vegetação em seus projetos do que os outros arquitetos, os outros paisagistas que geralmente eles se conformam com oferta de mercado, com o que tem nos viveiros comerciais, eles usam. Eu não estou dizendo que eles não gostariam de usar outras coisas, mas os do escritório (Burle Marx), eles investem em usar outras coisas, sabe, se passar em outro lugar e puder pegar uma semente ou descobrir que tem um determinado viveiro que tem uma planta que os outros não têm, porque isso pra nós foi significando possibilidades maiores de expressão em composição vegetal no paisagismo.”

Lista de Diálogos – Episódio 04 – Ambientalista

01:21 à 01:29 – “Eu tenho lutado violentamente contra a destruição, porque possivelmente nesse planeta o Brasil tem a flora mais rica.”

01:44 à 02:54 - “O Roberto não tinha essa preocupação com conservação. Tinha a preocupação de encontrar plantas que ele pudesse usar nos projetos, em paisagismo. Com o passar do tempo, quando ele foi constatando a alteração por que passava o meio ambiente, por que passa até hoje, ele começou a se preocupar com isso. Virou uma das pessoas que mais denunciava as atrocidades que estavam fazendo com o meio ambiente aqui no Brasil. Nós coletamos muito no canteiro de obras da estrada Rio-Santos. Quando a estrada foi aberta, ela passava por regiões de mangues, restingas e abas de Mata Atlântica, quer dizer, derrubavam árvores gigantescas, cobertas de bromélias, orquídeas, de *Ripsaleas*, que é uma cactácea, e essas plantas tendiam a desaparecer. Nós parávamos de caminhão, carro e pegávamos tudo que estava no chão, plantas condenadas a morrer e trazíamos pro sítio. E o sítio passou a ter esse papel importante também no sentido de garantir a existência de algumas espécies aqui, que estavam desaparecendo da natureza.”

03:15 à 03:28 - “Há um grande número de plantas que se adaptou perfeitamente aqui e a ideia é perpetuá-las, porque com essa fenomenal destruição que passa o Brasil, muita coisa vai desaparecer.”

03:48 à 04:27 - “O sítio é como o mundo do Brasil reduzido. Ele escolheu o lugar para ele ter uma variedade de situações onde tantas plantas distintas podiam sobreviver e viver juntas. Sempre senti que a viagem era fundamental para ampliar o conhecimento, para maravilhar o olhar e para preservar. Tem esse aspecto de preservação, multiplicação, uso depois nos jardins.”

04:28 à 05:25 - “Aqui é o que eu chamo de Cipózinho. Toda vez que eu voltava trazia uma mudinha de uma, muda de outra, muda de outra e no fim, virou cipozão. São plantas todas típicas da Serra do Cipó. O Roberto, quando viu esse Cipózinho, ele ficou encantado, falou ‘olha’, aí ele quis fazer no sítio: ‘Ah não, vou fazer coleção.’ Essa **doutorlaimasmis(???)** meu nome é Nanuza e a espécie é *Nanuza plicata*. Eu dei o nome dele em um gênero. Gênero *Burle Marxii*, é com três espécies. Eu, juntamente com um pesquisador da Unicamp. Nós descrevemos o gênero em homenagem a ele. Essa daqui é a *Velozia Glabra*, da Serra do Cipó.”

05:25 à 05:27 - “*Glabra* é a que tem pelo, é isso?”

05:27 à 06:00 - “*Glabra* não, lisa. Sem pelo. Ela é o gênero-tipo, a espécie-tipo da família *Velozíacea*, *Velozia Glabra*. São plantas que são verdadeiras epífitas de pedra. Ela cresce em cima da pedra, ela só se apoia e ela necessita de tão poucos nutrientes que com o nutriente que vem no ar, que é pólen, grão de pólen, esporo de fungo, poeira, cinzas de queimadas. Isso já é suficiente.”

06:06 à 06:59 - “O Roberto não coletava *Velozias* porque as plantas morriam, até que um dia ele teve contato com a professora Nanuza Menezes e a Nanuza, especialista em *Velozias*, disse pra ele: não, você coleta com um tapete de raízes, raizame com terra, aquela coisa toda, e fica molhando, porque elas se ressacam e aparentemente morrem, mas elas não estão mortas.

Basta você ficar regando, regando permanentemente, que elas vão reverdecer. Ele chegou a ter cento e sessenta, cento e setenta espécies. É certamente a maior coleção de *Velozíacea* viva. Inclusive porque é uma família que, se não é exclusiva do Brasil, é quase exclusiva do Brasil.”

07:28 à 07:44 - “E ele tinha uma memória, ele sabia: ‘isso daqui eu peguei em tal lugar, lá em Grão Mogol, lá no Pancas’, ele sabia tudo, de onde tinha vindo. E isso é tão importante para o botânico, saber a procedência pra ir lá procurar.”

08:30 à 09:26 - “E onde ele tinha notícia de afloramento rochoso com *velózias*, marcava excursões e ia lá pra coletar plantas. Daí ele ter uma coleção tão importante assim aqui no sítio. E ela é uma planta curiosa porque, ademais da forma que ela tem, que é uma forma arquitetonicamente muito bonita, daí o desejo dele, ela tem umas adaptações importantes. O caule dela é menos da metade do que nós estamos vendo aqui. E ele se apresenta revestido pela bainha das folhas antigas, que são persistentes, elas ficam presas na planta e transforma esse revestimento do caule numa verdadeira esponja e, complementando todo esse esquema, ela tem raízes aéreas ao longo do caule que vão garantindo o suprimento hídrico da planta.”

09:46 à 10:22 - “Esta daqui é uma *Velózia* que deve estar florida na Serra neste momento e muitas outras. Tem uma planta lá que é a *Velózia Gigante*, ela tem mais de seis metros de altura, maior que essa daqui. E é graças a essa *Velózia Gigante* que eles derrubavam pra pegar uma micro orquídea em cima dela, vocês vão ter que ir na *Velózia Gigante*, viu, vai a pé lá, é uma maravilha. Derrubava aquela planta enorme e foi por isso que foi implantado o parque nacional da Serra do Cipó, pra proteger essa espécie.”

10:32 à 10:50 - “O fogo ocorreu agora, no começo do mês de Outubro, não foi? Ainda tem cheiro. Eu estava lendo a idade dessa serra daqui, um bilhão e oitocentos milhões de ano.”

11:12 à 11:37 - “Aqui tem uma *Velózia* que nós tínhamos visto desse tipo, assim também com seus dois metros e meio, a gente já viu até com mais. Da pra ver bem essas bainhas de folhas persistentes, essa sobra da folha aqui embaixo, que isso é que ajuda a reter a umidade e a reter do fogo. Olha o fruto dela.”

11:53 à 12:25 - “O capim cresce, mesmo ele alto e verde, ele está seco, o animal não come mais. Aí colocando fogo nele, ele rebrota e quando o animal puxa, vem o nutriente, mas em compensação mata o resto da planta. E o solo pobre vai causar mais erosão e o pessoal daqui não tem muito recurso pra ficar cuidando de animal com ração ou milho. Então eles tacam fogo pra rebrotar o capim.”

12:40 à 13:48 - “Aqui há afloramento de calcário com quartzo, que a gente vê, essas pedras brancas, nós estamos passando pouco tempo depois de uma queimada e é possível notar exatamente a adaptação das plantas à esse fenômeno de queimada. A *Velózia*, que mesmo o fogo passando, ela está brotando. Dá pra ver que o brotinho até já foi queimado, mas ela vai continuar a viver como outras folhas que a gente vê mais ao lado. E muitas plantas aqui são adaptadas a esse tipo de condição da passagem do fogo e logo em seguida ela brotar. Nesse período de seca, essas plantas têm a folha muito rica em sílica e elas ficam secas por cima do

campo, e então basta cair um cigarro aqui na beirada, um carro passa do lado e o fogo pega e queima com muita frequência. Plantas assim, vinte anos talvez de idade.”

14:26 à 14:51 - “A Nanuza me explicou uma coisa interessante, que a *Velózia* tem uma, como se fosse uma serrilha que vai até a base da folha, até aqui assim. A gente sente a serrilha passando a mão. O mais comum é encontrar as flores brancas e roxinha ou lilás, agora flor amarela assim, não é tão comum não.”

15:04 à 15:46 - “Caramba, o tempo não ajudou a gente. Aqui na Serra do Cipó, tentando encontrar aquela *Velózia* gigante e é uma pena porque eu estava doido pra ver essa *Velózia*, porque com seis metros de altura ela tem pelo menos seiscentos anos de idade. Inclusive a última excursão que o Roberto fez para comemorar os oitentas anos de idade dele, ele veio com a Nanuza pra cá e apesar da dificuldade dele de caminhar naquela ocasião, o pessoal falou: ‘se precisar que a gente te carrega, não tem problema’. Ele falou que foi o maior presente que ele recebeu, que foi muito emocionante.”

15:58 à 16:36 - “Essa é uma Canela de Ema, *Velózia Nanuza* em homenagem à professora Nanuza, que nós propagamos e essa planta aqui tem cerca de um ano e meio de idade. Essas espécies, todas elas têm uma função no meio ambiente, mas nós também podemos trazer esse ambiente para dentro de nossa casa, nossos jardins e aí que eu acho que é uma contribuição fantástica do Burle Marx, além de sua inteligência espetacular, além de sua capacidade de criar, ele acertou no lugar ao vir para a Serra do Cipó, porque aqui tem plantas belas que são desconhecidas.”

16:54 à 18:12 - “Esse trabalho começou diante de uma necessidade de ter disponível no mercado espécies para a restauração dessa vegetação de montanha. Restaurar a Amazônia, restaurar a mata Atlântica é relativamente mais simples porque nós temos então chuva em grande quantidade ao longo do ano todo. Um solo extremamente fértil e quando você tem então a vegetação dessa de montanha, de campo rupestre, crescendo praticamente em lugar onde o solo é muito pouco, é um ato praticamente impossível de acordo com alguns, então nós falamos ‘vamos começar pelo mais difícil porque o mais fácil não tem nenhum desafio’. As sementes foram coletadas, estudadas, propagadas em laboratório, depois no viveiro comum. Depois adaptadas ao saquinho de mudas e colocadas no campo. E hoje nós já temos aí, eu diria, netinha dessas plantas depois de dois anos. Aqui mais embaixo, nós temos essa daqui de folhas muito minúsculas, *Caliandra*, típica dos riachos aqui da Serra do Cipó.”

18:56 à 18:58 - “Que lugar espetacular.”

19:00 à 19:12 - “É, é muito bonito. Agora, em agosto, em agosto é de tirar o fôlego porque o sol é dourado...”

19:13 à 19:18 - “Maio também deve estar bonito aqui... Aqui é flor o ano inteiro.”

19:14 à 19:27 - “Não, aqui não tem esse negócio não, aqui flora o ano inteiro. Nós estamos trabalhando com a fenologia. Temos muita coisa mapeada. É o ano inteiro. Entra uma sai outra, entra uma sai outra. É espetacular.”

19:28 à 19:44 - “É engraçado que, pra um olhar comum, você passa aqui e fala: ‘é tudo capim’, mal vê essa... É. E não percebe nem que tem uma planta diferente de um capim. Esse arbustinho aqui.

19:37 à 19:40 - “Arquitetura. Ninguém percebe.”

19:44 à 20:06 - “Mas aí que está o problema. Esse tipo de planta, ele permanece ignorado. Quando você fala em sequestro de carbono, os cientistas de outros países são atraídos por coisas gigantes. A escala aqui é outra. Lá nós temos que olhar pra cima, aqui nós temos que olhar pra baixo. Mas a diversidade é a mesma, é a mesma. Pelo menos aqui é a mesma. Então...”

20:07 à 20:09 - “Mas é mais rico do que lá?”

20:09 à 20:11 - “É. Em muitos casos eu acho que é mais. Olha isso daqui.”

20:13 à 20:14 - “Que lindo né.”

20:16 à 20:20 - “É um azul turquesa das... ela deve estar com frutos.”

20:28 à 20:50 - “Então, ela está florindo agora, mas já tem fruto. É um... A biologia floral dela é totalmente desconhecida, totalmente.”

20:44 à 20:51 - “O quê que parece....O quê que é desconhecida?”

20:51 à 21:09 - “A biologia floral dessa espécie. Fomos capaz de propagar, mas esse aspecto dela, quem dispersa... é tudo desconhecido.”

21:18 à 21:20 - “A gente veio passear em seu jardim.”

21:36 à 21:48 - “Eu fiz um plantio experimental e sobraram mil saquinhos. Mil mudas. Eu espalhei isso seis anos atrás.”

21:50 à 21:51 - “Poxa vida.”

21:51 à 22:01 - “A abelha está lá de novo, se você for devagar você pega a abelha. Você acertou em vir pra cá.”

22:08 à 22:09 - “Está sentindo o cheiro já?”

22:12 à 22:13 - “É dela esse cheiro?”

22:13 à 22:13 - “É dela esse cheiro.”

22:15 à 22:29 - “Olha...Nossa, nossa que perfume. Eu acho que a chuva também estimula um pouco né?”

22:24 à 22:04 - “Demais né.”

22:29 à 22:14 - “É...agora o sol estimula mais. Por causa de resina. Cara, vocês deram sorte, ela está florida! Esse ambiente aqui tem aí 1.7 à 2.2 bilhões de anos, essas rochas, e você tem o empilhamento máximo delas aqui, você vê ali, naquele outro ponto distante e nele nós temos

essas espécies com distribuição super restrita, como essa Canela de Ema cheirosa. Eu só tem uma foto dela com flor.”

22:25 à 22:26 – “Nossa.”

22:27 à 22:28 - “Só dá aqui, tá vendo.”

22:37 à 24:12 - “Olha só essa micro *Velózia*. Olha o tamanico dela, que coisa incrível. A flor, deixa eu ver se dá pra virar a flor. Olha que coisa linda. E ela está nascendo onde tem essa água corrente. Essa água frequente que brota do meio das pedras. Tem líquen, tem musgo nascendo, líquen branco e tem várias outras dessa *Velózia* miudinha junto.”

24:17 à 24:59 - “As Canelas de Ema são realmente, tem um crescimento muito lento, mas com um pouquinho mais de nutriente elas são capazes de crescer mais rapidamente do que no meio natural onde as pressões impostas pelo meio ambiente são muito altas. Então, uma vez no vaso, com condições apropriadas de luz e nutriente, elas crescem mais rapidamente. Isso não era conhecido e nós estamos trazendo essa informação e mostrando do grande potencial que tem essas mais de cem espécies de *Velózias* ou Canelas de Ema pra restaurar áreas degradadas e pra embelezar os jardins nossos dessas grandes cidades poluídas.”